



L. IAS. MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.

ILLUSTRAÇÃO POPULAR

PROPRIETARIO, DOMINGOS FRANCISCO LOPES

NUMERO 33

DIRECTOR LITTERARIO, FRANCISCO DUARTE DE ALMEIDA ARAUJO

ANNO 1866

FOLHA DEDICADA AO RECREIO E INSTRUCCÃO

Administração	PUBLICAÇÃO SEMANAL	Pregos
Escriptorio da redacção		Por 48 numeros..... 960
Na Lythographia, rua Nova dos Martyres, n.ºs 2 e 4		» 24 » 480
		» 12 » 240
		Avulso 30
		Nas provincias accresce o custo das estampilhas.

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque

Publicamos o retrato de um dos homens mais eminentes n'este seculo, não sómente pelo seu saber, como pela independencia de character. Foi esta que o levou a morrer em Torres Vedras, na infeliz occasião de uma guerra civil — flagello que desejamos vêr banido de Portugal, assim como fazemos votos a Deus para que afaste de nós os outros flagellos epidemicos. O verdadeiro elogio do homem honesto inscreve-se sobre a sua campa. Aqui fica lavrado um testemunho insuspeito, por mão d'aquelle que lhe combateu as ideias politicas. Nem um verbo lançou o author d'este artigo contra a sua honestidade; bastantes, porém, contra as ideias politicas que o levaram á sepultura, n'uma idade, na qual podia ainda á patria prestar bastantes e relevantes serviços.

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, nasceu em Lisboa, a 16 de junho de 1772, e morreu em Torres Vedras a 27 de dezembro de 1846. O ferimento que recebeu na acção que em Torres Vedras teve logar no dia 22 de dezembro, occasionou-lhe a morte. Era fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, grã-cruz da de Nossa Senhora da Conceição, commendador da de Torre e Espada, e coronel do corpo de engenheiros. Fora provedor da casa da moeda; secretario da regencia na ilha Terceira; governador militar das ilhas da Madeira e Porto Santo (1834); ministro e secretario d'estado dos negocios do reino em 1835; e novamente em 1842 e 1846: — Inspector geral das obras publicas; deputado ás cortes em varias legislaturas; e socio da academia real das sciencias, e outras tanto nacionaes como estrangeiras.

Foi escriptor muito ameno nas obras litterarias; e de pulso nas scientificas e politicas. Memoraremos as suas *Geographicas Portuguezas*; *Rui o Escudeiro*; *A Gloria das Conquistas*, e a *Dia*, como producções poeticas de subido merito.

O retrato que hoje apresentamos é copia reduzida do que o nosso amigo Francisco Innocencio da Silva, cita a paginas 323 do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo v, existir de meio corpo, lythographado em papel de grande formato. Foi estampado na lythographia do proprietario d'este jornal, e parabens nos damos por possuirmos ainda uma *prova*, por via da qual poderemos reproduzir ante a nova actual geração a memoria de tão illustre varão, e distincto sabio portuguez.

Oxalá que as paixões politicas não venham de novo, assolando a patria, privar-nos dos homens eminentes que são nossa gloria, e que sabem em vida conquistar um nome na posteridade.

A paz e a fraternidade fazem prosperar as nações: e as discordias retrograda-las. Por bém do povo esqueçamos esses odios para unicamente nos entregarmos á conquista das artes e das sciencias. Sobre a campa do cidadão prestante collocamos hoje os portuguezes a nossa corôa de perpetuas saudades.

F. D. ALMEIDA ARAUJO.

Uma noite no cimiterio

Saudade! gosto amargo d'infelizes
Delicioso pungir d'acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito,
Com dor que os seios d'alma dilacera,

GARRET — Camões — cant. 1.º

Era uma bella noite de primavera.

O ceu trajava manto azul, semeado d'estrellas, e a lua occultava seu rosto sob um alvo e transparente veu, — clarão pallido e argentino, que inundava de luz as bellezas da creação.

Como eu sentisse a melancolia apertar-me o coração com sua mão de ferro, resolvi ir dar um passeio para os arrabaldes da cidade; caminhei e insensivelmente, cheguei até á porta do cimiterio. Parei, e depois... entrei.

Como era poetica e lugubre aquella situação!

Por cima uma abobada azul, cravada de myriades de mundos luminosos, que todos me fallavam de seu actor e da — eternidade!

Por baixo um pequeno recinto repleto de sarcophagos, — em cujo pó se somem as gerações, e se confundem as cinzas do rei e do vassallo, do sabio e do ignorante, do rico e do pobre, do plebeu e do nobre —, que em seu silencio me disiam que ali todos somos eguaes, e me fallavam das vaidades d'este mundo, que todas se cifram em: — *Aqui jaz...*

Reinava ali silencio sepulchral que era apenas interrompido por uma voz magoada que murmurava uma oração. Prosegui para ver quem aquella hora vinha interromper o silencio dos tumulos, e perturbar o eterno somno dos mortos...

Então já de mais perto poude ver, sobre a pedra de um jazigo, uma joven vestida de lucto que, tendo a fronte pendida sobre a dextra, orava com fervor. Tinha junto a si uma corôa de saudades, já seccas e mirradas, orvalhada de lagrimas crystallizadas, e collocada em sôbre uma campa, onde se lia este epitaphio — *Aqui jaz José Joaquim Carvalho de Oliveira. Nasceu a 12 d'outubro de 1837, e falleceu a 5 de setembro de 1864.*

Quando lia este epitaphio senti duas lagrimas de compunção escaparem-me das palpebras, e rolarem ardentes pelas minhas faces... Eu tremi horrorizado, e senti este tremor penetrar-me até á medulla dos ossos!.....

É que aquella pedra occultava em seu seio, confundida no seu tetro pó, 27 primaveras... — uma bonina que, quando apenas principiava a abrir seu calix para n'elle receber o rocio matutino, foi logo despetalada e arremessada ao chão.. — um jovem, alfim, que, tendo apenas dado alguns passos na senda da vida, foi logo impedido em seu transito, pela foice da inexoravel morte!.....

Essa joven, que orava sobre o jazigo do finado, era de estatura esbelta, cabellos loiros negligentemente pendentes sobre os hombros, olhos azues afogados em pranto, rosto comprido mas macilento e pallido, onde bem se traduzia o soffrimento....

Não me era desconhecida aquella desventurada; seu nome era B... — a poetisa.

Ella amava; e certamente, soffria agora uma grande provação desse amor — a paixão; mas a paixão que vae ainda além da campã, porque ella viu eclipsar-se no seu até então limpido horizonte, no claro ceu da vida —, o iris da sua esperança, a estrella fatidica do seu porvir e do seu puro amor!... É que a rosa pura da sua affeição emmurchecera e, pendida a corolla para o chão, fôra pelo rijo tufão desfolhada e arrojada da hastea, onde vegetara viçosa, ao immundo pó do ataúde onde agora ella vem orvalhal-a com amargo pranto!...

Depois dirigi-me á joven; e a interroguei d'este modo: — « Senhora, vós aqui tanto a deshoras?! vestida desse modo com trajes de lucto... com o soffrimento escripto em vossa fronte?! Perdoae-me a ousadia de interromper-vos em vossas profundas e dolorosas meditações, mas sede franca, para com quem é vosso companheiro no soffrimento e, diseime a historia intima de vossa alma, — historia essa que, me parece, se encerra toda em uma só palavra: — amor —... »

Então a virgem, com os olhos inundados de lagrimas — que são balsamo salutar e nectar puro do coração — fitou-me e soluçou...

Sua attitude melancolica e a magestade da sua dor, pareciam impôr-me silencio e vedar-me que soubesse uma historia que deveria, quiçá, ficar sepultada no âmago d'aquelle coração vestido de dôr, e nos segredos do ataúde que muitas veses encerra mysterios!...

Despertando, alfim, da lethargia d'aquelle dôr, ella quiz fallar, mas os soluços embargavam-lhe nas fauces o verbo que que retrocedia e ia fenecer no intimo peito!...

Era n'aquelle joven que a dôr humana estava expressa com toda a vitalidade!

Era a personificação da dor em sua magestosa mudez, que impõe silencio, abraçada á cruz do seu martyrio, e como que satisfeita com um perpetuo padecimento!

E, com rasão, era muito justa a dôr de que aquella virgem estava dominada, porque nada ha comparavel á piedade que planta no coração o aspecto de uma existencia que, apenas desabrochada, já se debruça por sobre a humida terra do sepulchro, como a açucena açoitada da ventania.

Eis ali — n'aquelle campã
Quem a vida me floria...

F. Guimarães Fonseca. — MOMENTOS DE SAUDADE.

E eu contemplava-a cada vez mais commovido, e com mais interesse de saber aquella historia certamente de lucto e de pranto, até que, alfim, ainda que com custo a joven começou assim: — « Os dias do meu passado despontavam amenos e tranquillios por entre rosas floridas...; o ceu da minha vida era então claro e limpido, como o costuma ser o firmamento em noites de primavera!... »

« A estrella fagueira da minha esperança fulgurava então com seu almo brilho n'esse ceu da minha existencia, e espreitava-me risonha por entre o azulado manto em que ella brilhava... Mas... depois veio a porcella, toldou de negras nuvens esse até hi puro e claro ceu da minha existencia e eclipsou a minha esperançosa estrella, que depois eu vi esconder-se sob esta fria e tosca pedra, sobre a qual venho agora carpir a minha desventura, que nem ao menos é animada por um raio da luz de esperança d'essa minha estrella, que aqui se apagou para sempre!... »

« Eis-me agora sem presente que me adoce as agoas d'esta vida! e sem futuro em que me sorria uma esperança!!!... »

Então depois de ter com magoa escutado aquella historia tão triste, soltei do amago do coração estas palavras: « Compreendendo, senhora, quanto é intensa a dôr que vos dilacera o coração; mas se aos vossos soffrimentos podeis achar guarida em meu peito, acolhei-vos a elle, como azilo protector se bem que *mãl pode consolar quem tambem é desconsolado!* »

« Abrigae-vos pois em meu coração, contra os tormentos da dôr e do soffrimento, que tão furiosas se levantam em vosso coração; aqui tendes, senhora, este coração de joven, de vate, que se vos entrea bre e offerece como recinto, em que vós podeis desabafar as vossas magoas: e, se para estas é suave lenitivo o amor, tambem o encontrareis em meu coração; sim, amor por vós, por que essa poetica tristesa da vossa phisionomia o fez germinar aqui, n'este peito, em que até agora tem sido vazada, até á ultima lia, a taça da tristeza e do soffrimento!... »

Então a virgem levantou-se, com a coroa de saudades na mão, e respondeu-me: — « Sois generoso, cavalheiro,

mas não podeis dar alivio ao meu acerbo soffrimento, porque n'este oceano de lagrimas não posso achar termo á minha dor... Sinto que a vida me fenece e que o espirito quer alar-se para as regiões celestes onde agora habita esse por quem eu aqui chorava e choro...; para esse é, que guardo ainda o meu amor que hade ser eterno, porque vou ama-lo na eterna bemaventurança, para a qual elle me está chamando... por tanto légo-vos, como lembrança, esta coroa de saudades — companheira de meu soffrer, a qual ireis depor no meu ataúde, e que será o meu mudo epitaphio!... »

E desapareceu...

Era mulher ou anjo?....

Guimarães, 26 de
agosto 1866

J. L. GOMES GUIMARÃES.

SONETO

Ao sr. J. A. B. de Magalhães, pelos finais
de outro seu *

Amigo Magalhães, vi o soneto
Que alguém lhe requereu feito de prompto;
E, mesmo á promptidão sem dar desconto,
A gabar-lho em outro hoje me metto;

E digo, no segundo meu quarteto,
Que a gloria em tal estylo não lh'a affronto,
Pois sou como poeta um grande tonto,
Que emendar a má lingua não prometto.

Não me diga que está atrapalhado,
Não pense que um soneto o endoideça,
E olhe que é feio um bravo envergonhado:

Escreva outro soneto — mas sem pressa —
Que será bellamente imaginado
Quando « *musa pachorra* » o favoreça.

J. I. D'ARAÚJO.

ACROSTICO

Dedicado á ex.^{ma} sr.^a D. M. C. C. P...

Composto de graças e belleza, era
Donzella, qual estrella sem rival;
Famillhe de mais lindas flores,
Mais candida que castos amores:
Oh! como ella jamais houve outra igual!

J. C. A. P. — Olhalvo.

O cão e o ingrato. — Figuraram-no os homens como symbolo da amizade; e realmente nenhum dos animaes domesticos dedica tanto, como elle, amizade ao seu domno, expondo-se mesmo a sacrificar a vida para salvar a d'aquelle a quem consagra o seu affecto. Mil exemplos heroicos d'esta affeição aponta a historia que deveriam fazer corar de vergonha o homem ingrato; que só por esta qualidade se rebaixa mesmo do nivel dos animaes domesticos. O cão humilha-se e roja-se aos pés do domno, quando este o reprehende ou castiga, por isso que nunca se esquece do beneficio recebido; o ingrato, porém, se o seu bemfeitor por alguma falta o censurou, lança logo em esquecimento o favor recebido, para somente gravar na lembrança a memoria do que reputa aggravado, e que muitas vezes não é mais de uma prova de estima de bemfeitor, que deseja ver sempre medrado e bemquisto o seu beneficiado. A. E. A.

Um dos falsos D. Sebastião de Portugal. — Na epocha da dominação dos hespanhoes, appareceram quatro aventureiros que tentaram inculcar-se pelo nosso monarcha, morto nos campos de Alcacer-el-Kebir. O povo é facil de acreditar as lendas que estão em harmonia com o seu sentir, e como nada era então mais natural do que acreditar na exis-

* Vide n.º 31 d'este jornal.

tencia de um rei portuguez, o falso D. Sebastião, conhecido em a nossa historia pela alcunha de *Rei de Penamacôr*, chegou a ter sequito, apesar de se não parecer, nem nas feições do rosto, nem na côr do cabello, com aquelle desventurado e infeliz monarcha. Rapaz ainda e dado á mandriice, vagava pelas povoações, inculcando-se por soldado escapo á mortandade de Africa, e inventando narrações d'aquella horrosa batalha. Alguns fanaticos entusiastas presumiram ser elle o proprio monarcha em disfarce: propagou-se este boato; o povo acreditou-o; e o rapaz recebeu de varias partes do reino protestos de dedicação e fidelidade. N'este ponto estavam as cousas quando o impostor foi preso, conduzido á Lisboa, e aqui encarcerado: não havendo posteriormente mais noticia d'elle.

China-grass ou *ortiga branca da China*. — Quando a guerra da America causou grande transtorno ás fabricas de tecidos de algodão, ensaiaram-se muitas plantas textis para supprir a falta d'este. Uma das plantas que deu melhores resultados foi a *ortiga branca da China*. A sua cultura teve optimo exito nas provincias do meio-dia da França, e em Nimes se montou uma fabrica, onde aquella materia textil se empregava com vantagem nos tecidos de algodão, laã e seda, entrando n'esses tecidos em larga escala, e prestando-se optimamente ao tear e á tinturaria. Agora tracta-se de conseguir appresentar tecidos na composição dos quacs entre unicamente a *ortiga branca*: e parece que esta quase attingido o fim. Esta planta reproduz-se por semente e por estaca, e dá duas ou tres colheitas annualmente. Recomendamos o ensaio aos nossos agricultores e fabricantes.

A. e A.

As moscas folhas. — Estes insectos são naturaes das ilhas Seychelles, e pertencem á familia dos insectos orthopteros (gafanhotos). Figuram á vista verdadeiramente uma folha; e o olho mais perspicaz difficilmente o distingue da folha do arbusto onde se reproduz. A natureza armou este animal de expansões foliaceas, que mais augmentam a illustração ao observador; algumas partes do corpo do insecto tomam uma cor amarellecida, que mais ainda o confunde com as folhas verdadeiras. Ha delles actualmente tres especimens no jardim de aclimação do Bosque de Bolonha (França); e um exemplar houve em Inglaterra, e que ali viveu por longo tempo.

A. e A.

Plano colossal de Nova York. — Uma das curiosidades da exposição universal em Paris no proximo anno, será o plano de Nova York, tendo vinte cinco pés de comprimento, e oito de largura, comprehendendo não sómente as ruas, praças, etc., mas igualmente todas as casas, em detalhe com o numero e nome das pessoas que as occupam. Cada casa é representada com a sua fórma e côr particular; de modo que ao vêl a cada qual reconhece a sua habitação como se a tivesse presente. O espaço de quarenta pés de comprimento, sobre outros quarenta de largo, está destinado na exposição para este primor da arte topographica, e não poderá deixar de attrahir a attenção dos visitantes.

A. e A.

Seda marinha. — A doença dos bixos de seda faz receiar o encarecimento d'este artigo; e é n'esta mesma occasião que se acaba de fazer uma descoberta importante que substituirá este objecto; mas quem presumirá que é o Oceano que nol-o offerece? Um chimico de La Rochelle, examinando os ovos de certos peixes descobriu que o seu involucreo externo é formado por um tecido mui compacto, composto de uma infinidade de filamentos delicadissimos, que facilmente se despegam e separam. Uma vez separados, tem a apparencia, côr e finura da seda produzida pelo casulo, e podem, sem custo, servir para tecidos analogos á seda ou trama de seda. Aquelles ovos medem 25 centimetros de comprimento e 13 de largo, pesando 240 grammas; e no interior encerram um liquido branco que tambem pode ser empregado na impressão de estofos, e igualmente outro liquido amarello esverdinhado. As pessoas familiarizadas na fabricação de tecidos podem, de certo, tirar bom partido d'este novo producto.

A. e A.

A amisade. — E' esta um vinculo precioso, que une mutuamente os que se estimam. O verdadeiro amigo é, portanto, uma das maiores felicidades que o homem pôde conseguir. Alegra-se aquelle com as prosperidades do seu amigo, e sente com este as adversidades. Acompanha o na fortuna, não o desamparando na desgraça: encaminha-o sempre ao bem, e busca desviar-o do mal. Taes são as virtudes que

acompanham a verdadeira amisade: nascem de um coração generoso e grato; o qual, por natural inclinação, se desprende da propria vontade para comprazer com a d'aquelle a quem verdadeiramente ama.

A amisade é, pois, a communicação das cousas divinas e humanas, acompanhada essa communicação de benevolencia e caridade. Sem amisade não tem o homem recreação, nem prazer, pois que sem amigos não pôde haver obsequios, nem obrigações. Sem os amigos tambem se não pôde substituir o poder; porquanto, pela benevolencia se alcança o bom nome, se conserva o respeito, e se adquirem as honras. Em fim, a verdadeira amisade faz a concordia dos genios e a conformidade dos animos para que não haja dissonancia no parecer dos amigos.

Christo disse: «ama o proximo como a ti mesmo.» Um amigo é o exemplar do seu amigo: nada obra contra a vontade d'elle, consulta-o nos seus negocios, e conforma-se com o seu parecer. Se vivem ausentes não deixam de amar-se como se estivessem presentes, pois que a distancia não tem força de afrouxar os laços da amisade.

RODRIGUES VIEGAS.

O bom e máo ladrão, estalajadeiros. — S. Francisco de Salles, bispo de Genebra, era um verdadeiro Apostolo, muito zeloso da salvação das almas, e muito doce em todas as suas expressões. Visitava amiudo a sua diocese, e muitas vezes a pé, e sabia admiravelmente conciliar os protestantes com os catholicos, no tempo em que a guerra da Reforma indispunha os homens pela differença das suas opinões. O Santo bispo com todas as suas virtudes, e profundo saber, era muito engraçado e epigrammatico em seus ditos, que o vulgo as mais das vezes não entende, porque só aprecia grosseiras graçolas, e não sabias subtilezas.

Andando a visitar a diocese, S. Francisco de Salles passou por uma aldeia, aonde havia uma rua comprida, um Calvario no meio da rua, e duas estalagens, uma á direita, e outra á esquerda da Cruz. Aconteceu que o Santo bispo, cansado, com a sua comitiva hospedou-se, ceou e dormiu em uma das estalagens. No dia seguinte, em quanto se preparavam as cavalgadas, encostou-se ao pé do Calvario, e eis que se chega a elle o estalajadeiro defronte, e lhe disse: — «Senhor! quando passares por aqui vem hospedar-te em minha estalagem, onde tudo te será mais commodo, e mais barato; porque aquelle meu visinho fronteiro é um refinado ladrão, e põe o sal na moleira a quem se hospeda em sua casa.» — S. Francisco, sorrindo-se, disse-lhe: — «Filho, não duvido do que dizes, porque no Calvario estava o Salvador entre dois ladrões, um bom á direita, e um máo á esquerda. Se eu me hospedei esta vez em casa do máo ladrão, para a outra vez quero hospedar-me na casa do bom ladrão.» — O estalajadeiro replicou: — «Senhor; o bom ladrão salvou-se.» — «Pois bem, tornou o Santo bispo, tambem tu te hades salvar, porque a misericórdia de Deos é infinita.»

Engano pouco agradavel. — Luiz ix de França estando a jantar, e vendo entre a multidão, que estava á roda d'elle um capitão que lhe desagradava muito, fez um signal ao seu preboste para que o tirasse da sua vista. O preboste, costumado por aquelle signal a lançar ao rio Sena alguns individuos de quem o rei não gostava, chegou-se ao pé de um frade gordo, que estava junto ao capitão, tirou-o para fóra, mettu-o em um sacco, e o lançou no rio Sena muito bem atado. Dahi a poucos dias souhe o rei que o capitão tinha ido a Flandres a uma commissão; e chamando o preboste para o reprehender por não ter cumprido a sua ordem, o preboste lhe disse: — «Senhor! o frade foi na corrente do rio, e ha muito que hade estar nas praias de Ruan.» — «Que frade?» tornou o rei. — «Aquelle para quem Vossa Magestade apontou» replicou o preboste. — «Foi engano, disse o rei; e é preciso mandar dizer meia duzia de missas por aquella boa alma.»

A morte de garrote dada ás saias balões. — Poesia comica, por um dos nossos e mais engraçados poetas da actualidade. Vende-se na officina lytographica da rua Nova dos Martyres, n.ºs 2 e 4, e mais lojas do costume em Lisboa. O custo d'esta poesia é de 20 réis. Recommenda-mo-la aos nossos assignantes.